

A GÍRIA COMO UM ELEMENTO DA INTERAÇÃO VERBAL NA LINGUAGEM URBANA

*Penha Maria Camunhas Martins**

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Professor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, Dino Preti, entre suas inúmeras pesquisas, fez parte do Projeto NURC/SP, com várias publicações sobre a linguagem falada culta, suas variações e confrontos.

O artigo "A gíria como um elemento da interação verbal na linguagem urbana" é apresentado em partes. Na primeira, ele faz um resumo, considerando o papel da gíria sob dois aspectos: a gíria de grupo e a gíria comum. Na introdução, são abordados de modo geral aspectos do fenômeno sociolingüístico, para, antes das considerações finais, apresentar, em separado, a interação verbal da gíria de grupo e a da gíria comum. Por fim, apresenta as referências bibliográficas.

Preti considera a gíria um fenômeno tipicamente sociolingüístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: como linguagem de grupos sociais marginalizados, com características criptológicas, que seria a gíria de grupo ou gíria em sentido restrito, e como vocabulário que teve origem nesses mesmos grupos sociais e que passou a fazer parte da linguagem popular, a gíria comum. O autor vem reafirmando esses conceitos em outros artigos, que tratam do vocábulo gírio tanto no léxico como no social.

Para ele, o fenômeno gíria só pode ser analisado em profundidade, com todas as suas características típicas, seus processos morfológicos de deformação e criação lexical, dentro da gíria de grupo que explica o papel desempenhado por esse vocabulário na conversação. Passando a fazer parte da linguagem comum essa análise torna-se mais difícil.

O autor comenta que a propagação da gíria no contexto urbano deveu-se aos movimentos político-sociais de democratização ocorridos principalmente na América. Para falar das conseqüências no Brasil cita Cunha (1968, p. 62): "esse processo teve conseqüências notáveis sobre a linguagem, diminuindo o sentimento de 'purismo' lingüístico, tão arraigado num país de origem rural e, portanto, tipicamente conservador, apegado às suas tradições." Conclui que a migração foi importante para a propagação desse vocabulário, nas últimas décadas, com o crescimento das principais capitais do país, com ênfase nos estados de São Paulo e Rio de

* Pedagoga, formada pelas Faculdades Padre Anchieta, em 1974. Pós-Graduada (*lactu sensu*) em Criatividade e Produção de Textos, pelas Faculdades Padre Anchieta, em 2003.

Janeiro. A gíria passa, então, a integrar a linguagem popular e a fazer parte da norma lexical e de dicionários da língua, apesar de seu caráter ideológico. Explica citando Gadet (1992, p.103): “denominações que permitem guardar as palavras numa zona depreciada por razões ideológicas”.

Para Preti, o mais importante desse processo é a sua dinâmica, a rapidez com que se aceitam recentes maneiras de dizer, que se impõem pelo maior prestígio e atualidade.

Retomando o conceito de gíria de grupo, distingue duas características básicas: é um signo de grupo e possui uma forma criptológica, cujo domínio pertence a um grupo restrito de falantes. De caráter efêmero, necessita de renovação constante, uma vez que ao se tornar de conhecimento popular, segundo o autor, passa a ser gíria comum. Para renovar o seu vocabulário, os grupos criam palavras novas, que são originadas do vocabulário comum, ora deformando significantes (*malaco* – malandro), ora truncando ou repudiando sílabas (*justa* – justiça) ou até mesmo utilizando-se da sufixação (*loteca* – loteria, sufixação pouco comum e *babaca* – de baba, sufixação gíria pejorativa), metonímias (*marmita* – por almoço) e metáforas (*grude* – por comida). Esse processo de formação, para o autor, se baseia no espírito lúdico, que do ponto de vista semântico torna-se um jogo de adivinhações para os indivíduos não pertencentes ao grupo.

Conclui Preti (p.91):

quando o falante usa a gíria de seu grupo, dificulta intencionalmente o processo interacional, deixando o interlocutor que não conhece o significado desse vocabulário à margem da conversação. Mas, por outro lado, como *signo de grupo*, essa gíria favorece a identificação social do falante, permite-lhe interagir com segurança e superioridade por usar uma linguagem original, diferente da maioria.

O autor afirma que quando a gíria de grupo passa a ser falada por um grande número de pessoas, isto é, pela comunidade em geral, despersonaliza-se, perde sua condição de código de grupo e passa à condição de gíria comum, utilizada por falantes com relações de maior intimidade, o que possibilita maior interação verbal. O uso da gíria comum transmite uma impressão de modernidade, de identidade de idéias e comportamentos novos e, por afinidade, de identificação com hábitos e falantes jovens. Exemplifica, utilizando expressões registradas na linguagem das praias, em São Paulo e Rio de Janeiro, no verão de 1995: - Ontem, na festa, *chutei a santa!* (metáfora). *Chutei a santa* é expressão gíria, que significa “fazer alguma coisa sem se importar com as conseqüências”, originou-se do acontecimento nacional em que um pastor evangélico chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Na outra expressão, -Meu carro quebrou. *Envelheci!* (impropriedade de sentido), *envelheci* é empregado no sentido de que alguma coisa deu errado.¹

O dinamismo da língua, a velocidade com que os grupos sociais interagem, o amplo trabalho da mídia, que o autor comprova com os exemplos retirados dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, a propaganda e os computa-

¹ Publicadas na Revista da Folha de São Paulo, de 14 de janeiro de 1996.

dores fazem com que o “purismo” da língua e o rigor dos gramáticos fiquem cada vez mais distantes da linguagem popular. A gíria comum traduz a atualidade que todos desejam na interação. A gíria de grupo deixa de ser restrita e passa a ser um meio de divulgação dos anseios e interesses desses grupos, sejam sociais, econômicos, artísticos, ocupacionais, religiosos, esportivos ou de outra natureza.

Preti diz que nos Estados Unidos a gíria se integrou plenamente ao vocabulário urbano, sem constituir problema para os falantes; de acordo com Flexner (1967), a gíria americana reflete o tipo de pessoas que a criou e que a usa. Sua diversidade e popularidade devem-se em parte à criatividade, autoconfiança e otimismo do povo.

No Brasil, assistimos à rápida mudança de prestígio social desse vocabulário, criado pelos grupos urbanos e absorvido pelos meios de comunicação de massa, com o propósito de se situarem dentro da moda lingüística, em especial do léxico. A gíria comum não é mais um privilégio das pessoas com baixa escolaridade, mas faz parte da linguagem de todos os grupos da comunidade. Suas formas mais duradouras já se incorporaram aos dicionários da língua, fazendo parte, pois, da norma lexical. Realmente, podemos constatar que gírias de uso comum são encontradas no Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, como por exemplo *foca*, com a seguinte definição: 1. Bras. Gir. Jornalista novato, bisonho. 2. indivíduo inexperiente em qualquer coisa. É o caso também de abafar, que pode significar: 11. Bras. Gir. Roubar, furtar. 12. Bras. Gir. Estar ou ficar em situação de especial relevo em relação a; dominar; suplantat. 16. Bras. Gir. Ficar em situação de especial relevo, acima de todos, dominando-os, suplantando-os. Outros vocábulos gírios encontrados no citado dicionário: *babaca, milhões, perobeação, portuga, invocar, pra-frente, abacaxi* entre outros.

O autor reforça a idéia afirmando que durante a interação verbal as pessoas, às vezes, não se dão conta se usam ou não vocábulos gírios, exceto em situações mais formais. Isso acontece, também, com os leitores de jornais, que ao lerem um texto não percebem que uma expressão gíria “invadiu” o contexto e que a mesma foi empregada pelo redator para aproximar o seu texto da narrativa oral e tornar sua interação com o leitor mais agradável.

Neste artigo, Preti atribui ao vocábulo gírio as funções de “aliviar” o contexto, quebrar a formalidade de uma exposição, expressar agressividade, ironia, malícia e de demonstrar a supremacia das formas populares, gírias, em detrimento das cultas, sendo os usuários às vezes, levados por uma falsa concepção democrática do uso da língua. Esta última função pode ser facilmente percebida nos noticiários dos jornais, rádios e televisão, que são a linha de frente das transformações lingüísticas na vida urbana.

O autor afirma que a gíria comum, pelos seus elementos expressivos, incorporou-se definitivamente ao discurso oral, sendo hoje um de seus recursos mais importantes para transmitir, na interação, a quebra de informalidade e aproximação entre interlocutores, o sentimento de renovação, a atualidade, a aproximação do espírito popular, a agressividade e a injúria atenuada.

Apesar de toda a explicação teórica feita por Preti, acreditamos que a diferen-

ciação por ele apresentada merece uma análise mais detalhada. Se considerarmos a gíria de grupo como vocabulário restrito a um grupo social e como elemento de identificação desse grupo e que se despersonaliza quando utilizado pela comunidade em geral, será que não deixaria de ser uma gíria para tornar-se apenas linguagem popular?

Pretti conclui seu artigo dizendo que a gíria comum é o índice mais característico da linguagem urbana contemporânea. Faz parte de uma norma lexical veiculada pela mídia e aceita por vários tipos de falantes em suas interações. É um fenômeno universal, que ocorre inclusive na França, país tradicionalmente conservador. Uma das muitas identificações da gíria com a sociedade contemporânea é a sua dinâmica, sua capacidade de renovação, sua representação do atual com o novo, sua representação do mundo jovem. Acha que devemos reconhecer que, hoje, há forças muito mais atuantes sobre a língua, na sociedade, do que o organismo escolar que, teoricamente, deveria representar o grande agente de defesa das tradições lingüísticas, porque tem como uma de suas funções primordiais o ensino da escrita. Entre essas forças, as modernas redes de comunicações e a mídia, que influenciam as transformações, principalmente o léxico, tornam-se cada vez mais decisivas.

O autor diz que a gíria comum constitui a parte mais viva da língua, na representação da efervescência dos grupos sociais, no mundo contemporâneo, que no nosso entendimento é linguagem popular e não gíria comum. É o fenômeno da "moda lingüística". Não há como evitá-lo na variedade das interações verbais, sob pena de o falante passar a impressão, em determinadas situações interacionais, de um anacronismo insuportável.

Pesquisas e estudos sobre linguagem popular e gíria deveriam ser objeto de maior interesse por parte de lingüistas e teóricos da língua, principalmente em nosso país, e integrantes de debates entre alfabetizadores e professores para a melhoria da interação em sala de aula e o cumprimento efetivo da função da escola. O descompasso entre a norma considerada culta imposta aos alunos e a linguagem popular que eles trazem para a escola é visivelmente danoso no processo de ensino. Esse rigor que é exigido já não é objeto de grande preocupação como afirma Preti, citando Cunha:

No Brasil, esse processo teve conseqüências notáveis sobre a linguagem, diminuindo o sentimento de purismo lingüístico, tão arraigado num país de origem rural e, portanto, tipicamente conservador, apegado às suas tradições.

Escrito de forma bastante repetitiva, porque didático, o artigo serve para análise e reflexão sobre a marcante discriminação que distancia o falante da norma culta do falante da linguagem popular em nossa sociedade.

OBRA RESENHADA

PRETTI, Dino. *A gíria como um elemento da interação verbal na linguagem urbana*. Palavra 8. 2002. PUC/SP – Projeto NURC/SP.